

# Qualidade das relações familiares, auto-estima, autoconceito e rendimento académico

FRANCISCO PEIXOTO (\*)

O papel assumido pela família, no decurso da adolescência, não é consensual entre os teóricos e investigadores que estudam esta fase do desenvolvimento humano. De acordo com Noller (1994) o desacordo principal situa-se entre aqueles que assumem que as relações com os pares são as mais importantes na adolescência e os que consideram que a relação com a família continua a ser importante durante este período do desenvolvimento. Os primeiros baseiam-se no facto de os pares assumirem uma crescente importância para o adolescente, enquanto que os segundos argumentam que, esse facto, não impede a família de continuar a desempenhar um papel crucial no seu bem-estar e equilíbrio. Com efeito, alguma investigação tem mostrado que a qualidade da relação com a família tem um impacto importante em vários aspectos da vida do adolescente. Entre esses aspectos podemos referir o ajustamento académico, nomeadamente no que se refere à satisfação com a escola, o lidar com sucesso com as tarefas de desenvolvimento deste período da vida e as representações sobre si próprio (i.e., o

autoconceito e a auto-estima) (Harter, 1996; Kirchler, Palmonari, & Pombeni, 1993; Lord, Eccles, & McCarthy, 1994; Noller, 1994; Oosterwegel & Oppenheimer, 1993; Paterson, Pryor, & Field, 1995; Pereira, 1995).

O impacto que a família exerce na construção do autoconceito e da auto-estima do adolescente pode ser considerado a diferentes níveis. Por um lado, as avaliações que os diferentes membros da família fazem acerca do adolescente relacionam-se com as representações que o adolescente constrói sobre si próprio (Eccles, 1993; Marsh & Craven, 1991; Pierrehumbert, Plancherel, & Jankech-Caretta, 1987). Por outro lado, as próprias dinâmicas das relações familiares vão influenciar as diferentes dimensões do autoconceito. Um dos aspectos das dinâmicas das relações familiares que surge frequentemente associado à construção das representações sobre si próprio é o suporte emocional fornecido pela família. Assim, Wenz-Gross, Siperstein, Untch, e Widaman (1997), mostram que a existência de um baixo suporte emocional por parte da família está relacionado com baixo autoconceito académico. Num outro estudo, Connel, Spencer e Aber (1994) obtêm resultados que indicam que o suporte emocional e social fornecido pelos pais está positivamente associado com a percepção de competência, as relações com os pares e a motivação escolar. Tam-

---

(\*) Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. UIPCDE. E-mail: fpeixoto@ispa.pt

bém Feldman e Wentzel (1990) referem a existência de uma relação positiva entre o suporte fornecido pela família e a qualidade das relações estabelecidas com os pares. Noller e colaboradores (1992, citado por Noller, 1994) numa investigação em que analisaram as relações entre o funcionamento familiar e diferentes dimensões do autoconceito, obtiveram resultados que evidenciaram a existência de uma relação positiva entre os níveis de intimidade e de funcionamento democrático no relacionamento familiar, com as diferentes dimensões do autoconceito.

Para além de afectar as diferentes dimensões do autoconceito, as dinâmicas estabelecidas no seio da família parecem, igualmente, associar-se com a auto-estima (Bishop & Inderbitzen, 1995; Harter, 1990, 1993, 1996, 1999; Ryan, Stiller, & Lynch, 1994). Numa investigação realizada com adolescentes Lord, Eccles e McCarthy (1994) mostram que a percepção de tomadas de decisão mais democráticas, por parte da família, se associam a incrementos na auto-estima. Por seu turno, Harter (1996, 1999), referindo-se a diferentes tipos de suporte, afirma que é o suporte sob a forma de aprovação aquele que mais se relaciona com a auto-estima.

Tendo como ponto de partida o quadro conceptual esboçado a partir dos estudos revistos, procurámos nesta investigação analisar as relações entre a percepção da qualidade das dinâmicas relacionais estabelecidas no seio da família, o autoconceito, a auto-estima e o rendimento académico.

## MÉTODO

### *Participantes*

Participaram neste estudo 265 adolescentes a frequentarem os 7.º, 9.º e 11.º anos, dos quais 143 eram raparigas e 122 rapazes. As idades variaram entre os 11 e os 19 anos. No que se refere ao sucesso académico, 92 tinham uma ou mais repetências no seu passado escolar, enquanto 168 nunca tinham reprovado.

### *Instrumentos*

Na recolha de dados foram utilizadas duas es-

calas: uma para avaliação do autoconceito e da auto-estima (Peixoto & Almeida, 1999) e, outra, para avaliar a percepção da qualidade do relacionamento familiar (Peixoto, 1999). A escala de autoconceito e auto-estima é constituída por 10 sub-escalas, nove das quais pretendem avaliar as auto-percepções em domínios específicos de competência (Competência Académica, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física, Atração Romântica, Comportamento, Amizades Íntimas, Competência Matemática e Competência a Língua Materna), enquanto que a décima avalia a Auto-Estima. Esta última sub-escala considera a auto-estima como resultando de uma avaliação global que o sujeito efectua sobre si próprio, expressando os sentimentos de valor pessoal. A escala é composta por um total de 51 itens (5 por cada dimensão específica do autoconceito e 6 para avaliação da Auto-Estima). Em cada item é descrito um determinado tipo de jovem, (por ex., “Alguns jovens acham muito difícil fazer amigos”), devendo o respondente assinalar a opção que melhor lhe corresponde numa escala de quatro pontos, variando entre “Completamente diferente de mim” e “Exactamente como eu”. Cada item foi cotado de 1 a 4 (com a pontuação 1 significando baixa competência percebida e a pontuação 4 alta competência percebida), calculando-se, seguidamente, a média para cada dimensão da escala. No presente estudo a consistência interna, para cada uma das sub-escalas, variou entre .63 e .87.

A escala de percepção da relação com a família é constituída por 35 itens agrupados em 5 dimensões (Suporte Afectivo, Suporte nas Tarefas Escolares, Autonomia, Expectativas e Aceitação). Em cada item desta escala são identificados dois grupos de sujeitos, pedindo-se a quem responde que, em primeiro lugar, se identifique com um dos grupos e que, seguidamente, diga se é exactamente assim ou se é mais ou menos assim. Para a análise dos dados, os diferentes itens foram cotados de 1 a 4 (com a pontuação 1 a corresponder a uma percepção mais negativa da qualidade do relacionamento e a pontuação 4 a uma percepção mais positiva) calculando-se a média para cada dimensão da escala e para a totalidade dos itens. A consistência interna das diferentes dimensões desta escala variou entre .76 e .86, com o total da escala a apresentar um alfa de Cronbach de .94.

### Procedimento

Os dados foram recolhidos numa única sessão, com a ordem de apresentação das escalas a ser contrabalançada.

### RESULTADOS

Para a análise dos efeitos da percepção da qualidade do relacionamento familiar sobre a auto-estima e autoconceito, a primeira variável foi recodificada de acordo com os quartis da distri-

buição, obtendo-se, deste modo, dois grupos: um com percepção da qualidade do relacionamento familiar baixa e o outro com uma elevada percepção da qualidade das relações no seio da família. Uma análise de variância multivariada, considerando como variáveis independentes o ano de escolaridade, a repetência e a qualidade do relacionamento com a família e como variáveis dependentes as diferentes dimensões do autoconceito, evidencia a existência de efeitos principais da percepção da qualidade do relacionamento familiar (*Pillai's Trace*=.269,  $F(9,74)=3.03$ ,  $p<0.01$ ) e da repetência (*Pillai's Trace*=.206,  $F(9,74)=2.13$ ,

TABELA 1  
*Médias e Desvios-padrão para as dimensões do autoconceito em função da repetência e da percepção da qualidade do relacionamento com a família*

	Repetência		Qualidade da Relação com a Família	
	Com Repetência	Sem Repetência	Baixa	Elevada
CE	2.68 (.60)	3.08 (.51)	2.82 (.54)	3.07 (.58)
CP	2.70 (.56)	2.89 (.59)	2.61 (.60)	3.01 (.51)
CM	2.21 (.66)	2.62 (.67)	2.42 (.65)	2.55 (.73)
AS	3.01 (.40)	3.05 (.64)	2.82 (.61)	3.27 (.45)
C	2.90 (.39)	2.78 (.44)	2.66 (.48)	2.96 (.32)
AI	2.93 (.60)	3.01 (.64)	2.81 (.61)	3.14 (.60)
CA	2.63 (.36)	2.46 (.57)	2.49 (.53)	2.53 (.52)
AF	2.81 (.57)	2.88 (.56)	2.43 (.69)	3.12 (.62)
AR	2.53 (.60)	2.57 (.58)	2.42 (.60)	2.67 (.55)
Auto-estima	2.98 (.55)	3.12 (.59)	2.73 (.54)	3.36 (.43)

Nota: Entre parênteses apresenta-se o valor do desvio-padrão correspondente.

Legenda: CE – Competência Escolar, CP – Competência em Língua Materna, CM – Competência Matemática, AS – Aceitação Social, C – Comportamento, AI – Amizades Íntimas, CA – Competência Atlético, AF – Aparência Física, AR – Atracção Romântica.

$p < 0.05$ ). Esta análise revela igualmente um efeito de interação entre a repetência e a qualidade do relacionamento familiar (*Pillai's Trace* = .212,  $F(9,74) = 2.22$ ,  $p < 0.05$ ).

As estatísticas univariadas revelam que os efeitos da repetência sobre o autoconceito incidem em dimensões relacionadas com a escola [Competência Escolar ( $F(1,94) = 7.03$ ,  $p < 0.05$ ) e Competência Matemática ( $F(1,94) = 4.47$ ,  $p < 0.05$ )]. Nestas dimensões do autoconceito os alunos sem repetências apresentam valores mais elevados (Tabela 1).

Os efeitos da percepção da qualidade do relacionamento familiar surgem, também, em áreas relacionadas com a escola [Competência a Língua Materna ( $F(1,94) = 5.82$ ,  $p < 0.05$ ) e Comportamento ( $F(1,94) = 10.13$ ,  $p < 0.01$ )], em dimensões associadas ao relacionamento interpessoal [Aceitação Social ( $F(1,94) = 8.63$ ,  $p < 0.01$ ) e Atração Romântica ( $F(1,94) = 4.57$ ,  $p < 0.05$ )] e na Aparência Física ( $F(1,94) = 23.3$ ,  $p < 0.001$ ). Em todas estas dimensões, os adolescentes com uma percepção mais favorável do relacionamento familiar, apresentam autoconceitos mais elevados (Tabela 1).

O efeito de interação entre a repetência e a percepção da qualidade do relacionamento familiar surge para a dimensão Aparência Física ( $F(1,94) = 4.24$ ,  $p < 0.05$ ), em que, apesar de os alunos com percepção mais positiva do relacionamento familiar apresentarem um autoconceito físico mais elevado, a diferença é maior nos alunos que nunca repetiram nenhum ano no seu passado escolar (Figura 1). As estatísticas univariadas revelam, igualmente para a dimensão Aparência Física, um efeito de interação entre a percepção da qualidade do relacionamento familiar e o ano de escolaridade ( $F(2,94) = 4.15$ ,  $p < 0.05$ ). Este efeito traduz-se em diferenças maiores, entre adolescentes com percepções de qualidade do relacionamento familiar contrastadas, para os alunos dos 7.º e 11.º anos de escolaridade (Figura 2) do que para os seus colegas que frequentam o 9.º ano.

No que se refere à auto-estima, a análise de variância realizada (considerando a repetência, a percepção da qualidade das relações com a família e o ano de escolaridade como variáveis independentes) revela um efeito principal introduzido pela percepção da qualidade do relaciona-

FIGURA 1  
Efeito de interação entre repetência e percepção da qualidade do relacionamento com a família para a dimensão “Aparência Física”

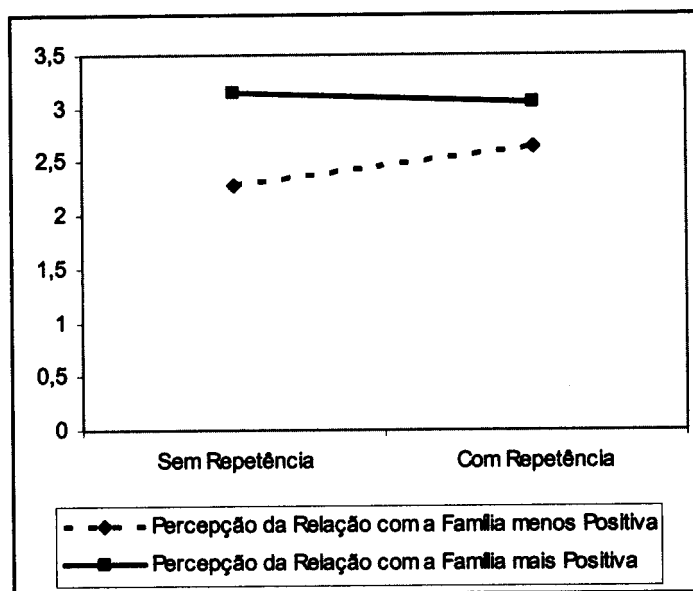
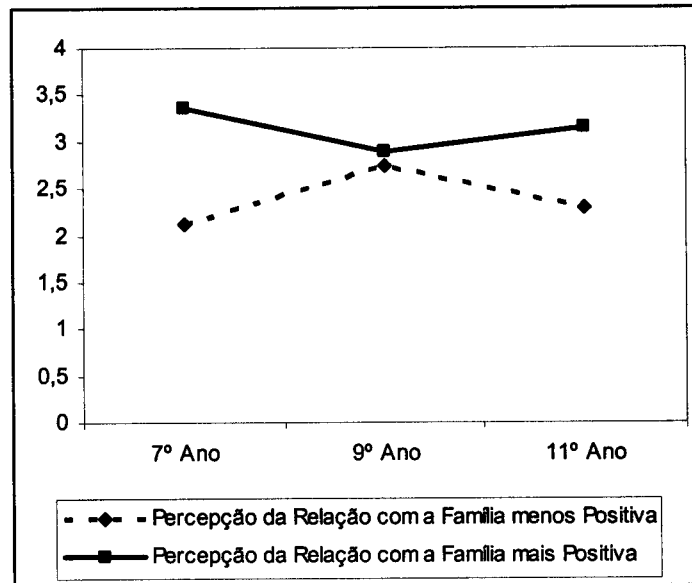


FIGURA 2

**Efeito de interação entre ano de escolaridade e percepção da qualidade do relacionamento com a família para a dimensão “Aparência Física”**



mento familiar ( $F(1,97)=37.4$ ,  $p<0.001$ ), não existindo efeitos das restantes variáveis consideradas. A análise da Tabela 1, permite constatar que os alunos que percebem o seu relacionamento com a família como positivo, são aqueles que evidenciam níveis de auto-estima mais elevados.

Análises de correlação entre a percepção da qualidade da relação com a família e a auto-estima permite constatar a existência de valores de correlação moderados entre estas duas variáveis (Tabela 2). A análise por anos de escolaridade evidencia um enfraquecimento desta associação para os alunos do 9.º ano de escolaridade.

Procurámos, igualmente analisar os efeitos da auto-estima sobre as diferentes dimensões da percepção da qualidade do relacionamento familiar. Para o efeito, dicotomizámos a variável auto-estima, a partir dos quartis superior e inferior da distribuição, procedendo, seguidamente, a uma análise de variância multivariada em que introduzimos, para além desta, o ano de escolaridade e a repetência como variáveis independentes. Esta análise revelou a existência de efeitos introduzidos pela auto-estima ( $Pillai's Trace=.232$ ,  $F(5,134)=8.09$ ,  $p<0.001$ ) e um efeito tendencial

devido à repetência ( $Pillai's Trace=.078$ ,  $F(5,134)=2.27$ ,  $p=0.051$ ). As análises univariadas revelam que o efeito tendencial observado para a repetência incide na dimensão Suporte nas Tarefas Escolares ( $F(1,138)=6.17$ ,  $p<0.05$ ), com os alunos sem repetência a apresentarem valores mais elevados para o suporte percebido (Tabela 3).

O efeito introduzido pela auto-estima afecta todas as dimensões da percepção da relação com a família (Suporte Afectivo –  $F(1,138)=32.08$ ,  $p<0.001$ ; Suporte nas Tarefas Escolares –  $F(1,138)=11.93$ ,  $p<0.001$ ; Autonomia –  $F(1,138)=30.82$ ,  $p<0.001$ ; Expectativas –  $F(1,138)=15.07$ ,  $p<0.001$ ; Aceitação –  $F(1,138)=33.67$ ,  $p<0.001$ ), com os adolescentes de auto-estima mais elevada a patentarem valores superiores nas diferentes dimensões da escala de percepção da qualidade da relação com a família (Tabela 3).

Uma análise de regressão das diferentes dimensões da percepção da qualidade da relação com a família sobre a auto-estima, mostra que, para os 7.º e 11.º anos, é a dimensão Suporte Afectivo aquela que se associa mais fortemente com a auto-estima (Tabela 4). No entanto, para os adolescentes a frequentarem o 9.º ano de escolari-

TABELA 2  
Valores de correlação entre a percepção de qualidade do relacionamento familiar e a auto-estima

<b>Amostra Total</b>	<b>.46*</b>
7.º Ano	.55*
9.º Ano	.31*
11.º Ano	.53*

\* Valores significativos para  $p < 0.01$

TABELA 3  
Médias e Desvios-padrão para as dimensões da percepção da qualidade do relacionamento com a família em função da repetência e da auto-estima

	<b>Repetência</b>		<b>Auto-estima</b>	
	<i>Com Repetência</i>	<i>Sem Repetência</i>	<i>Baixa</i>	<i>Elevada</i>
Suporte Afectivo	3.03 (.74)	3.13 (.72)	2.81 (.73)	3.45 (.56)
Suporte nas Tarefas Escolares	3.33 (.57)	3.57 (.42)	3.38 (.49)	3.64 (.43)
Autonomia	2.82 (.51)	2.81 (.61)	2.56 (.55)	3.12 (.45)
Expectativas	3.18 (.59)	3.38 (.51)	3.13 (.53)	3.55 (.47)
Aceitação	3.08 (.60)	3.16 (.62)	2.86 (.61)	3.47 (.42)

Nota: Entre parênteses apresenta-se o valor do desvio-padrão correspondente.

TABELA 4  
Resultados da Análise de Regressão Múltipla, das dimensões da Percepção da Qualidade da Relação com a Família sobre a Auto-estima

	<b>7.º Ano</b>	<b>9.º Ano</b>	<b>11.º Ano</b>
Suporte Afectivo	.36*	.44**	.35*
Suporte nas Tarefas Escolares	.15	-.11	.07
Autonomia	.06	.01	-.004
Expectativas	.06	.11	.09
Aceitação	.04	.74**	.12
R <sup>2</sup>	.33	.30	.30
F	5.02***	6.15***	7.03***

\*  $p < .05$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*\*\*  $p < .001$

dade, e apesar desta dimensão se associar, também, significativamente com a auto-estima, é a dimensão Aceitação aquela que melhor prediz a auto-estima.

## DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo mostram que a qualidade do relacionamento com a família, percebida pelos adolescentes se relaciona tanto com a auto-estima como com as diferentes dimensões do autoconceito. Entre estas é de salientar a diferenças encontradas nas dimensões interpessoais do autoconceito e na Aparência Física. As primeiras suportam os resultados de outras investigações (Connel *et al.*, 1994; Feldman & Wentzel, 1990) que referem a existência de uma relação entre o suporte social fornecido pela família e as relações estabelecidas com os pares. Como referem Feldman e Wentzel (1990), uma explicação possível é que as relações no seio da família sirvam como modelos para o desenvolvimento das relações com os pares, levando ao estabelecimento de relações positivas com os colegas, provocando, como consequência, um incremento nas dimensões sociais do autoconceito.

A associação entre a qualidade das relações estabelecidas no seio da família e a Aparência Física pode ser explicada através da relação entre a Aparência Física e a Auto-Estima. Como afirma Harter (1985, 1988, 1993, 1996, 1999) a Aparência Física é a dimensão do autoconceito que melhor prediz a Auto-Estima. Não queremos aqui afirmar que os adolescentes oriundos de famílias com melhor relacionamento tenham sido bafejados com uma herança genética que os torne particularmente bonitos. No entanto, algo se passa, que faz com que estes adolescentes se sintam mais atraentes que os seus colegas que percebem um relacionamento menos positivo com as suas famílias. Serão, provavelmente, os sentimentos de suporte e aceitação, associados às relações familiares positivas, os principais responsáveis por uma percepção de Aparência Física mais elevada. Isto é, uma melhor qualidade do relacionamento familiar pode levar à construção de uma auto-imagem positiva<sup>1</sup> e, este facto, pode explicar o autoconceito físico mais positivo, mesmo nas situações em que essa auto-representação

não corresponda aos padrões de beleza estabelecidos.

Um argumento semelhante pode ser utilizado para explicar as diferenças observadas na auto-estima, no sentido em que a qualidade do funcionamento familiar, naquelas famílias com melhor relacionamento, torna possível a construção de sentimentos de competência e valor que contribuem decisivamente para o desenvolvimento de uma auto-estima positiva.

Apesar da relação existente entre as representações de si próprio e a qualidade do relacionamento familiar, os resultados apresentados permitem evidenciar que essa relação se modifica no decurso da adolescência. Assim, essa associação é mais forte para os adolescentes que frequentam os 7.º e 11.º anos de escolaridade, que para aqueles que estão no 9.º ano de escolaridade. Para estes últimos a relação entre a percepção da qualidade do relacionamento com a família e a auto-estima é mais fraca, e esta é predominantemente afectada pela aceitação. No que se refere ao autoconceito verifica-se que, na dimensão Aparência Física, a influência da qualidade do relacionamento familiar é menor quando comparada com a que se verifica com os adolescentes mais novos e mais velhos. Uma explicação possível é que essas alterações correspondam a mudanças atribuíveis ao desenvolvimento, as quais levam o adolescente a afastar-se da família, na busca da construção da sua identidade. Com efeito, uma das características deste período é a procura de autonomia, a qual pressupõe a progressiva separação dos progenitores, provocando, em muitas situações, um aumento nos conflitos com os progenitores, nomeadamente a meio da adolescência (Collins & Repinski, 1994; Marsh *et al.*, 1985). Por outro lado, esta fase da adolescência pode igualmente caracterizar-se como sendo um período em que a preponderância do grupo aumenta, provocando uma diminuição na influência da família (Coleman & Hendry, 1999).

---

<sup>1</sup> Refira-se a este propósito as expressões “Lindo menino(a)!” , “Que bonito!” , utilizadas muitas vezes pelos pais para elogiarem desempenhos e comportamentos dos filhos, nomeadamente durante a infância.

Por último, um comentário sobre os resultados obtidos em função do sucesso escolar. Tal como em estudos anteriores (Alves-Martins & Peixoto, 2000; Alves-Martins *et al.*, 2002; Peixoto, 1998; Robinson *et al.*, 1990; Senos, 1996, 1997; Senos & Diniz, 1998) alunos com e sem repetência não se diferenciam relativamente à auto-estima, apesar das diferenças encontradas para o autoconceito académico. Estes resultados sugerem que os alunos com insucesso no seu passado escolar, apesar da ameaça que pode constituir um baixo autoconceito académico, parecem conseguir proteger a sua auto-estima e manter sentimentos de valor pessoal positivos. Por seu turno, no que se refere às dimensões da percepção do relacionamento com a família, verificámos que os alunos sem repetências referem a existência de maior suporte nas tarefas académicas. Este resultado é consonante com a literatura que relaciona o envolvimento parental na escolaridade dos filhos e o rendimento académico destes (Eccles & Harold, 1996; Grolnick *et al.*, 2000; Grolnick & Slowiaczek, 1994), permitindo sustentar a ideia de que o suporte instrumental da família, nas tarefas associadas à escola, fornece uma importante contribuição para o ajustamento académico do adolescente.

## REFERÊNCIAS

- Alves Martins, M., & Peixoto, F. (2000). Self-esteem, social identity and school achievement in adolescence. *Psychology: The Journal of the Hellenic Psychological Society*, 7, 278-289.
- Alves Martins, M., Peixoto, F., Gouveia Pereira, M., Amaral, V., & Pedro, I. (2002). Self-esteem and academic achievement among adolescents. *Educational Psychology*, 22, 51-62.
- Bishop, J. A., & Inderbitzen, H. (1995). Peer Acceptance and Friendship: An investigation of their relation to self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 15, 476-489.
- Coleman, J. C., & Hendry, L. B. (1999). *The nature of adolescence*. London: Routledge (3rd edition).
- Collins, W. A., & Repinski, D. J. (1994). Relationships during adolescence: Continuity and change in interpersonal perspective. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 7-36). Thousand Oaks, California: SAGE Publications
- Connel, J. P., Spencer, M. B., & Aber, J. L. (1994). Educational risk and resilience in african-american youth: Context, self, action and outcomes in school. *Child Development*, 65, 493-506.
- Eccles, J. S. (1993). School and family effects on the ontogeny of children's interests, self perceptions, and activity choices. In J. E. Jacobs (Ed.), *Developmental perspectives on motivation* (pp. 145-208). Lincoln: University of Nebraska Press.
- Eccles, J. S., & Harold, R. D. (1993). Parent-school involvement during the early adolescent years. *Teachers College Records*, 94, 568-587.
- Feldman, S. S., & Wentzel, K. R. (1990). The relationship between parenting styles, sons' self-restraint, and peer relations in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 10, 439-454.
- Grolnick, W., Kurowski, C. O., Dunlap, K. G., & Hevey, C. (2000). Parental resources and the transition to junior high. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 465-489.
- Grolnick, W. S., & Slowiaczek, M. L. (1994). Parents' involvement in children's schooling: A multidimensional conceptualization and motivational model. *Child Development*, 65, 237-252.
- Harter, S. (1985). *Manual for the self-perception profile for children*. Denver: University of Denver.
- Harter, S. (1988). *Manual for the self-perception profile for adolescents*. Denver: University of Denver.
- Harter, S. (1990). Causes, correlates, and the functional role of global self-worth: A life-span perspective. In J. Kolligian, & R. Sternberg (Eds.), *Competence considered* (pp. 67-98). New Haven: Yale University Press.
- Harter, S. (1993). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In R. F. Baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 87-116). New York: Plenum Press.
- Harter, S. (1996). Historical roots of contemporary issues involving self-concept. In B. A. Bracken (Ed.), *Handbook of self-concept* (pp. 1-37). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1993). Developmental tasks and adolescents' relationships with their peers and their family. In S. Jackson & H. Rodriguez-Tomé (Eds.), *Adolescence and its social worlds* (pp. 145-167). Hove, UK: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lord, S. E., Eccles, J. S., & McCarthy, K. A. (1994). Surviving the junior high school transition, family processes, and self-perceptions as protective and risk factors. *Journal of Early Adolescence*, 14, 162-199.
- Marsh, H. W., & Craven, R. (1991). Self-other agreement on multiple dimensions of preadolescent self-concept: Inferences by teachers, mothers and fathers. *Journal of Educational Psychology*, 83 (3), 393-404.



- Marsh, H. W., Parker, J. W., & Barnes, J. (1985). Multidimensional adolescent self-concepts: Their relationship to age, sex, and academic measures. *American Educational Research Journal*, 22, 422-444.
- Noller, P. (1994). Relationships with parents in adolescence: Process and outcome. In R. Montemayor, G. R. Adams, & T. P. Gullotta (Eds.), *Personal relationships during adolescence* (pp. 37-77). Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Oosterwegel, A., & Oppenheimer, L. (1993). *Developmental changes between and within self-concepts*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Paterson, J., Pryor, J., & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence*, 24, 365-376.
- Peixoto, F. (1998). Auto-conceito(s), auto-estima e resultados escolares: A influência da repetência no(s) auto-conceito(s) e na auto-estima de adolescentes. In M. Alves-Martins (Ed.), *Actas do IX Colóquio de Psicologia e Educação* (pp. 51-69). Lisboa: ISPA.
- Peixoto, F. (1999). Escala de Percepção da Relação com a Família. In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. VI, pp. 468-474). Braga: APPORT.
- Peixoto, F., & Almeida, L. S. (1999). Escala de Auto-Conceito e Auto-Estima. In A. P. Soares, S. Araújo, & S. Caires (Eds.), *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. VI, pp. 632-640). Braga: APPORT.
- Pereira, M. G. (1995). *A percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais*. Dissertação de Mestrado não publicada, Lisboa: ISPA.
- Pierrehumbert, B., Plancherel, B., & Jankech-Caretta, C. (1987). Image de soi et perception de compétences propres chez l'enfant. *Revue de Psychologie Appliquée* 37, 359-377.
- Robinson, W. P., Tayler, C. A., & Correia, M. L. (1990). "Repetencia" by Portuguese school children in relation to their self-perception and self-evaluation. *European Journal of Psychology of Education*, 5, 327-335.
- Ryan, R. M., Stiller, J. D., & Lynch, L. H. (1994). Representations of relationships to teachers, parents and friends as predictors of academic motivation and self-esteem. *Journal of Early Adolescence*, 14, 226-249.
- Senos, J. (1996). Atribuição causal, auto-estima e resultados escolares. *Análise Psicológica*, 14, 111-121.
- Senos, J. (1997). Identidade Social, Auto-estima e Resultados Escolares. *Análise Psicológica*, 15, 123-137.
- Senos, J., & Diniz, T. (1998). Auto-estima, resultados escolares e indisciplina. Estudo exploratório numa amostra de adolescentes. *Análise Psicológica*, 16, 267-276.
- Wenz-Gross, M., Siperstein, G. N., Untch, A. S., & Widaman, K. F. (1997). Stress, Social Support, and Adjustment of adolescents in middle school. *Journal of Early Adolescence*, 17, 129-151.

## RESUMO

É normalmente aceite que a construção das auto-representações (i.e., autoconceito ou auto-estima) é mediada socialmente. As relações estabelecidas com outros significativos (nomeadamente com a família) são particularmente importantes para a construção de auto-conceitos e auto-estima positivos. A qualidade das relações estabelecidas no seio da família surge, também, frequentemente associada ao rendimento académico. O objectivo deste estudo foi explorar as relações entre a qualidade das relações familiares, autoconceito, auto-estima e rendimento académico. Os participantes foram 265 alunos dos 7.º, 9.º e 11.º anos de escolaridade. Os dados foram recolhidos através da aplicação de uma escala de autoconceito e auto-estima e de uma escala para avaliar a percepção da qualidade das relações familiares. Os resultados evidenciam efeitos principais do rendimento académico e da qualidade das relações familiares nas auto-representações. O rendimento académico introduz diferenças nas dimensões académicas do autoconceito, mas não na auto-estima. A percepção da qualidade do relacionamento familiar produz efeitos nalgumas dimensões relacionadas com a escola (Comportamento e Competência a Português), em dimensões interpessoais (Aceitação Social e Atração Romântica) e na Aparência Física. Os resultados mostram igualmente que a associação entre auto-estima e a qualidade das relações familiares sofre algumas modificações durante a adolescência.

*Palavras-chave:* Auto-representações, relações familiares, adolescência.

## ABSTRACT

It is normally accepted that the construction of self-representations (e.g., self-concept or self-esteem) is socially mediated. The relationships with significant others (namely with family) are particularly important on positives self-concept and self-esteem. The quality of relationships with the family is equally important on school achievement. This study aims to explore the relations between the quality of family relationships, self-concept, self-esteem and school achievement. Participants were 265 students attending the 7th, 9th and 11th grade. Data was collected using a self-concept and self-esteem scale and a scale to measure the quality of family relationship perceptions. Results point to major effects of school achievement and quality of family relationships on self-representations. School achievement introduces differences on academic dimensions

of self-concept but not in self-esteem. The perception of the quality of family relationship has major effects on some dimensions related to school (Behavior and Portuguese Competence), on interpersonal dimensions (Social Acceptance and Romantic Appeal) and on Phy-

sical Appearance. Results also show that the association between self-esteem and the quality of family relationship suffer some modifications during adolescence.

*Key words:* Self-representations, family relationships, adolescence.